



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
CURSO DE BACHARELADO EM FILOSOFIA**

BRUNNO GHIZE NASCIMENTO DA SILVA

**RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E CONHECIMENTO NA
FILOSOFIA AGOSTINIANA**

SALVADOR
2020

BRUNNO GHIZE NASCIMENTO DA SILVA

**RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E CONHECIMENTO NA
FILOSOFIA AGOSTINIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Filosofia, Universidade Católica do Salvador como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio Dantas Vasconcelos.

SALVADOR
2020

BRUNNO GHIZE NASCIMENTO DA SILVA

**RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E CONHECIMENTO NA
FILOSOFIA AGOSTINIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Católica do Salvador como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Filosofia.

Aprovado em 17 de Dezembro de 2020

Prof. Dr. Paulo Sérgio D. Vasconcelos – Orientador

Prof. Dr. Franklin Rami Cavalcanti Oliveira Regis

Prof. Dr. José Ferriz Sepulveda

Dedico este trabalho aos meus amigos, familiares, todos os que ajudaram durante esse tempo e em especial à memória do Padre Maurício Abel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pai, por seu infinito amor e sua misericórdia em minha vida, sempre me protegendo e guiando. Agradeço também a Nossa Senhora da Imaculada Conceição Aparecida, pelo seu carinho materno e sua proteção.

Aos meus familiares em especial minha mãe Vilma Nascimento, meus irmãos e padrasto pelo apoio e incentivo durante esse processo de aprendizado. Agradeço de coração aos meus avós Umbelino Carvalho e Maria Nascimento, pelos ensinamentos de toda vida, mesmo com toda luta no sertão baiano em Conceição do Coité- Ba, me ensinaram os valores e princípios éticos e morais. Agradeço a todos os meus familiares paternos e maternos pelo incentivo e orações.

Em memória quero agradecer ao meu querido Pe. Maurício Abel, que muito me ensinou, me incentivou e me ajudou. Jamais vou esquecer suas palavras e seus ensinamentos.

Agradeço também ao seminário central São João Maria Vianney, na pessoa do Pe. Gil André Peixinho e os demais formadores, juntamente com todos os seminaristas ao qual tenho profundo carinho e agradecimento pelos anos que passei nesta casa de formação. De forma especial, aos irmãos Alexandre de Oliveira, Jackson Reis, Helder Gois e Luciano Alano, pela ajuda nesse trabalho monográfico.

Por fim, agradeço a todos os professores que ao longo desse percurso me ensinaram, e despertaram em mim o amor à filosofia, a cada um de vocês queridos professores meu muito obrigado de coração. Quero em especial agradecer a Deus pela vida e trabalho do Professor Paulo Vasconcelos que me ajudou e colaborou para que esse trabalho fosse realizado.

SILVA, Brunno Ghize Nascimento da. **Relação entre memória e conhecimento na filosofia agostiniana**. 41f. 2020. Monografia (Graduação) - Curso de Bacharelado em Filosofia, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2020.

RESUMO

A presente pesquisa explora a temática da relação entre memória e conhecimento na filosofia agostiniana. Ao escrever sobre a memória, Agostinho demonstra como esta potência é manifestada na vida do ser humano nas mais diversas circunstâncias. Baseada na obra *Confissões*, um dos principais escritos agostinianos, esta pesquisa tem como objetivo principal investigar a articulação e relação entre a memória e o conhecimento humano. Para Agostinho, a memória não está somente ligada a um local onde se armazena as imagens adquiridas pelas experiências, mas possui um papel ativo na vitalidade do homem, pois somente através dela se pode elaborar questões do passado, confrontando-as com o presente, a fim de chegar a novas ideias. A memória é vista como um elo espiritual da interioridade humana que o possibilita viver a realidade do mundo imediato, bem como o local onde acontece o desdobramento do ser subjetivo e objetivo de cada um. A relevância desta pesquisa consiste em expressar a função determinante da capacidade memorativa do ser humano, pois Agostinho esclarece que a fonte do conhecimento é a memória, assim, sem memória, nenhuma geração faz história e nem desenvolve e aprimora o conhecimento.

Palavra-chave: Memória. Sentidos. Conhecimento. Reminiscência.

SILVA, Brunno Ghize Nascimento da. **Relationship between memory and knowledge in Augustinian philosophy**. 41f. 2020. Monograph (Graduation) - Bachelor 's Degree in Philosophy, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2020.

ABSTRACT

This research explores the theme of the relationship between memory and knowledge in Augustinian philosophy. When writing about memory, Augustine demonstrates how this power is manifested in the life of the human being in the most diverse circumstances. Based on the work Confessions, one of the main Augustinian writings, this research has as main objective to investigate the articulation and relationship between memory and human knowledge. For Augustine, memory is not only linked to a place where the images acquired by the experiences are stored, but it has an active role in the vitality of man, because only through it can questions of the past be elaborated, confronting them with the present, in order to arrive at new ideas. Memory is seen as a spiritual link of human interiority that makes it possible to live the reality of the immediate world, as well as the place where the unfolding of the subjective and objective being of each one happens. The relevance of this research is to express the determinant function of the human being's memory capacity, because Augustine clarifies that the source of knowledge is memory, so, without memory, no generation makes history and neither develops nor improves knowledge.

.

Keyword: Memory. Senses. Knowledge. Reminiscence.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	VIDA E OBRA	11
2.1	GREGOS ATÉ AGOSTINHO	13
2.2	A MEMÓRIA EM PLATÃO	14
2.3	PALÁCIO DA MEMÓRIA	16
3	CLASSIFICAÇÕES DA MEMÓRIA	19
3.1	MEMÓRIA INTELECTUAL	20
3.2	MEMÓRIA E OS SENTIDOS	21
3.3	MEMÓRIA E AS IDEIAS INATAS	22
3.4	MEMÓRIA E AS MATEMÁTICAS	24
3.5	MEMÓRIA E OS AFETOS DA ALMA.....	25
4	MEMÓRIA E O CONHECIMENTO	27
4.1	MEMÓRIA DISPONÍVEL E MEMÓRIA PROFUNDA	29
4.2	A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA PARA O CONHECIMENTO	31
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	BIBLIOGRAFIA	39

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa visa trazer um olhar sobre a relação e como se dá a articulação entre memória e conhecimento na filosofia agostiniana. A fonte principal para analisar desse tema será a obra *Confissões*; o método a ser utilizado é o hermenêutico bibliográfico, que busca compreender como Agostinho vê essa relação entre memória e conhecimento.

Agostinho de Hipona é um grande pensador da antiguidade tardia (séc. IV e V), alguns dos temas por ele tratados são de grande estima e alvos de investigação por parte dos maiores pensadores sempre. O primeiro é o conhecimento sobre Deus, onde em todas as suas obras fala a respeito; o segundo é sobre o ser humano. Deste modo, o filósofo sempre vai estar em busca de conhecer essas duas importantes realidades para ele e para o pensamento humano. Em um dos seus livros Agostinho afirma: “Desejo conhecer a Deus e a alma” (AGOSTINHO, 1998, p.21) e desta forma o autor afirma que o seu interesse de conhecimento é sobre Deus e a alma.

Analisando a obra *Confissões*, percebe-se uma maneira própria de elaboração do seu pensamento. O bispo de Hipona é considerado um dos maiores filósofos da Idade Média, não apenas pela sua forma de escrever e imbuído pelas reflexões platônicas, como afirmam alguns estudiosos, mas, sobretudo, por fazer despertar toda uma complexidade filosófica, um processo de confissão.

Nos tempos atuais, o estudo do pensamento agostiniano é muito relevante para o despertar filosófico, para compreender que a fé e a razão não estão distantes uma da outra, mas encontram-se unidas, onde a razão fundamenta a fé. Observando todo enredamento e a crise que no âmbito do aprendizado em diversas áreas da vida, faz-se necessário analisar uma das faculdades mais importantes do ser humano que é a memória. Destacando a importância da memória, Agostinho afirma: “Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis” (AGOSTINHO, 1999, p.266). Assim, toda complexidade da memória é pertinente aprofundar em seu estudo, pois, ela é necessária para o ser humano de uma maneira ampla, seja em suas emoções, percepções, conhecimento, ou até mesmo nas suas relações interpessoais.

Estudar a memória desse autor medieval é adentrar em um mundo pouco explorado, entendemos como a memória tem um papel fundamental na formação humana. Deste modo, será analisado qual o papel da memória para obtenção do conhecimento e como se dá essa relação, já que o filósofo afirma: “É lá que estão também todos os conhecimentos que recordo, aprendidos ou pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem” (AGOSTINHO, 1999,p.260), com essa afirmação, será analisada essa relação e, olhando toda filosofia da memória no livro X das *Confissões* que, inclusive, o filósofo Heidegger afirma: “O livro X pode facilmente diferenciar-se dos demais, pois nele Agostinho deixa de informar sobre seu passado para ocupar-se do que agora é [...]” (HEIDEGGER, 2010, p.159). Logo, esse tema em qualquer época é importante, pois, como será demonstrado no decurso desta pesquisa, as cinco faculdades da memória são fundamentais para o conhecimento, bem como para a vida humana em sua totalidade.

Segundo muitos autores, a forma de escrita do livro X é diferente dos demais escritos por Agostinho, nesse livro ele “pensa perguntando” (JASPERS, apud WILLS, 1999, p.09). Sendo assim, segundo Matias, é diferente dos nove livros passados, já que ele somente narra fatos. Deste modo, percebemos a relevância deste livro e dessa temática para a filosofia. A memória tem um papel ativo para o conhecimento, de tal forma que, nela é atualizada o conhecimento, não apenas como um local de guardar, sobretudo, de ir formulando e aumentando o próprio conhecimento; a percepção como forma de ação contínua juntamente com o tempo, o passado, presente e assim como forma de movimento dando origem ao futuro.

A memória também é muito importante para entender não apenas as coisas atuais, mas ela estabelece um elo entre a realidade de si mesma e as mudanças que acontecem a todo momento na vida, visto que o ser humano encontra-se sempre num processo de devir constante, “[...] a memória parece ser em Agostinho o elo entre o si mesmo e seu devir” (FINGER, 2015, p.13), logo a memória, ligada com o agora e com as mudanças que ocorrem constantemente. Com isto também é notável um papel ativo da memória não apenas como depósito. Neste aspecto, Finger chega a afirmar isso quando fala sobre o papel imaginativo que a memória possibilita e como isso se torna ativo e presente em nossa vida. Assim, verifica-se

que a memória vai além do carácter de se lembrar de algo passado ou que aconteceu e passa a ser visto também como uma capacidade ativa e fundamental no exercício da memória algo que para o conhecimento também é de grande importância para a era medieval e Finger afirmar isso em seus comentários sobre a memória quando nos diz:

[...] Agostinho diz que por meio da representação imaginária, onde a memória teria também um papel ativo, seria somente possível ao ente obter a certeza a respeito (sic) de imagens obtidas sensorialmente. A representação imaginária, produto da memória, seria o recurso utilizado para isso. (FINGER, 2015, p.64).

Logo, é perceptível que existe um papel ativo na memória e ele é importante para o conhecimento humano, pois a imaginação contribui na elaboração do pensamento. Todas estas realidades pertencentes à relação entre memória e conhecimento humano serão transcorridos e analisados ao longo desta pesquisa, demonstrando assim a concepção agostiniana acerca deste tema de singular importância.

2 VIDA E OBRA

Antes de iniciar esse itinerário sobre a memória da obra *Confissões*, é necessário conhecer quem foi Agostinho de Hipona. Agostinho nasceu na cidade de Tagaste¹, no ano de 354 e morreu aos 75 anos, em 430, Agostinho depois de sua morte foi canonizado pela igreja Católica onde exercia o ministério do episcopado, sua mãe se chamava Mônica que, depois também foi canonizada pela Igreja Católica.

O filósofo deveria ter apenas os conhecimentos iniciais, pois para manter as aulas demandava um custo um pouco elevado, e seu pai se sacrificou para pagar, com ajuda de um amigo que tinha condições financeiras melhores, possibilitando que Agostinho fosse estudar em Cartago, assim podendo completar os estudos superiores, para ter uma vida melhor e assegurar ao seu filho uma magistratura. Ele não era um bom aluno, pois não gostava da língua Grega e por isso não poderia ler os autores helenísticos. Depois de um certo tempo o Bispo percebeu o quanto perdeu por não aprender a língua Grega.

Neste percurso do conhecimento, o pensador teve um encontro com a doutrina maniqueísta² que, por um tempo, influenciou o seu pensamento, a doutrina maniqueísta tinha como fundamento principal a ideia que existiam duas forças que eram equivalentes e eternas, como o bem e o mal, o bem relacionado a Deus e o mal a satanás.

Agostinho seguiu esse pensamento, pois buscava conhecer a origem do mal e por um tempo acreditou que a seita ajudaria. Ao encontrar-se com Fausto, que era um dos sábios da seita, acabou se frustrando, pois ele não conseguiu satisfazer em suas respostas às indagações e os questionamentos do pensador medieval. Por não encontrar as respostas que queria, ele rompe com o pensamento Maniqueu.

¹ Tagaste é uma antiga cidade da Numídia, no norte da África. Sobre as ruínas de Tagaste foi edificada a atual cidade de Souk Ahras, na Argélia. A cidade está localizada 100 km ao sudeste de Annaba, antiga Hipona. Seu nome tem origem única e significa *Casa do Tesouro* ou *Casa do Arco*.

² Maniqueísmo é uma filosofia que se baseia em uma doutrina religiosa que foi criada no século III na Pérsia (atual Irã) pelo filósofo cristão Mani ou Maniqueu, que prega a existência de um dualismo entre dois princípios opostos, o que divide o mundo basicamente entre o bem e o mal, ou entre Deus e o Diabo.

Depois de ter se desiludido com a experiência da seita maniqueísta, o pensador se encontra com uma pessoa fundamental em seu processo de conhecimento e conversão encontra-se com o bispo Ambrósio em Milão. O bispo passa a ajudá-lo no desenvolvimento do pensamento. Uma de suas recomendações é que deixasse de lado todas as ideias adquiridas da seita e partisse para novos conhecimentos, isso por meio de contato com novas pessoas. Depois da conversão, o filósofo passa agora a defender a fé cristã, buscando sempre aprofundar seu estudo, para ter maior clareza e sempre conhecer melhor o cristianismo.

Agostinho, em seu pensamento, é muito influenciado por um autor grego, porém, como foi afirmado no início do texto. Porém, por não dominar bem a linguagem grega, foi a partir de Plotino, que ele aprofundou no estudo de Platão, e deste modo foi influenciado pelos pensamentos e ideias platônicas. Por isso, fica perceptível algumas leves influências do pensamento platônico na filosofia cristã do bispo de Hipona, principalmente na ideia de Platão de reminiscência.

O filósofo escreveu diversas obras, sobre vários temas, porém a sua obra filosófica mais importante é *Confissões*. *Através dela* Agostinho desenvolve seus pensamentos de uma forma diferente, como uma confissão. Sobre as confissões, o Dicionário de Nicola afirma:

Além disso, permite explicar: a composição de *Confissões*, que só em parte contém a exposição das vicissitudes biográficas de S. Agostinho, mas que a partir do Livro X são puramente teóricas, isto é, dedicadas ao reconhecimento da Verdade e das dificuldades que se interpõem a esse reconhecimento; 2ª a coincidência da atitude de quem se confessa, isto é, reconhece em si mesmo a verdade, com a atitude do retorno para si mesmo e do voltar-se para si mesmo, própria da indagação agostiniana e neoplatônica. (ABBAGNANO, 2007, p.173)

O trecho que foi citado evidencia que não é somente uma autobiografia que é escrita, mas tem elementos teóricos que são utilizados principalmente no livro X da obra, quando o pensador inicia as suas reflexões sobre a verdade e compreende não uma verdade que está fora do homem mas uma verdade que está dentro dele. Heidegger ao comentar sobre o livro X da obra citada diz que “O livro X pode facilmente diferenciar-se dos demais, pois nele Agostinho deixa de informar sobre seu passado para ocupar-se do que agora é [...]” (HEIDEGGER, 2010, p. 159).

Logo, o livro X das *Confissões* é muito importante para a filosofia agostiniana, de forma que ele vai deixar de fazer análise ou contar a sua história e agora falar um pouco sobre suas reflexões filosóficas. Nestas reflexões está incluída a problemática da memória que é muito importante para o seu desenvolvimento em todo seu pensamento e escritos.

2.1 GREGOS ATÉ AGOSTINHO

A filosofia grega influenciou o pensamento do bispo de Hipona. Depois de ter se decepcionado com a seita maniqueísta, teve um encontro com a filosofia de Plotino, que era um neoplatônico, absorvendo as ideias dos filósofos gregos, em especial Platão. Com isso Agostinho, começa a analisar essa filosofia e encontra-se sentindo nela, não de forma total, tendo em vista também que é uma filosofia pagã, mas compreende esta filosofia como base para suas reflexões, e consegue fazer muita gente acreditar que a fé e a razão podem caminhar juntas.

Platão e Aristóteles são considerados os dois grandes pensadores da filosofia antiga. Eles desenvolveram reflexões sobre a capacidade da memória. Eles têm um pensamento semelhante referente à articulação da memória com a capacidade sensitiva. Ferro afirma que:

Segundo este modelo, a forma mais elementar de conhecimento corresponde à percepção sensível (αἴσθησις), uma «potência inata de discriminação» comum a todos os animais; a esta segue-se a memória (μνήμη), definida por Sócrates como uma «conservação da sensação» (σωτηρία αἴσθησεως) e por Aristóteles como uma «persistência da impressão sensível» (μονή τοῦ αἰσθήματος) ; em seguida, extraindo da acumulação de μνήμαι um nexos único e articulado, a experiência (ἐμπειρία) conduz, enfim, à descoberta dos princípios da arte ou perícia (τέχνη) e da ciência (ἐπιστήμη), a primeira relativa ao devir e a segunda relativa ao ser. (FERRO, 2013, p. 9-10)

No trecho que fora citado explica que a memória é algo de grande apreço para os filósofos gregos. Fica explícito que os sentidos para os gregos é importante para o conhecimento, e que essas sensações ficam conservadas na memória, e essa articulação entre sensação, memória e as experiências formam os princípios da

arte que estão relacionados com o devir neste caso a mudanças e a segunda que é a ciência sempre relacionado ao ser.

O pensamento que mais influenciou o bispo de Hipona foi o de Platão, no seu processo filosófico, em especial a ideia de reminiscência. Com isso se faz necessário compreender um pouco desse pensamento platônico, para deste modo aprofundar mais o estudo sobre a memória no pensamento agostiniano.

2.2 A MEMÓRIA EM PLATÃO

A ideia platônica de anamnese ou reminiscência, como é conhecida, tem uma relação direta com a ideia de Platão sobre a possibilidade de conhecimento. O pensador grego afirma que a alma é imortal e que a forma mais elevada do conhecimento se dá através da razão. Deste modo, Platão acredita que existem dois mundos: o mundo real e o mundo das ideias. Assim, ele diz que o homem é composto de um corpo e uma alma, e que essa alma vivia no mundo das formas ou mundo das ideias, onde lá as coisas seriam perfeitas, imutáveis e eternas.

Diferente de Agostinho que é cristão, Platão acredita no processo de reminiscência. Para ele, a alma é imortal, mas o corpo não. Quando a alma entra no corpo perde as imagens que estavam nela, pois já não tem as imagens perfeitas, eternas e imutáveis, mas apenas cópias imperfeitas. Por exemplo, todos os seres humano têm cor de pele, peso, altura, cor do cabelo, cor dos olhos, porém, tirando essas características, permanece uma coisa em comum a todos, que chama-se de essência, como ele afirma: “a cada coisa corresponde uma ideia, que é única, e chamamos-lhe a sua essência” (PLATÃO, 1993, 507b: 308). Segundo ele, a essência é a ideia perfeita das coisas que se encontram no mundo inteligível, e o que vemos aqui são apenas sombras ou representações das ideias perfeitas que estão no mundo perfeito.

Para o pensamento platônico, já temos o conhecimento inato em cada um de nós, por que a nossa alma já esteve no mundo ideal, porém quando adentramos no mundo sensível nós esquecemos desse mundo ideal, como afirma Lazarini:

No caminho de retorno à Terra, as almas atravessam uma grande planície por onde corre um rio, o Lethé (que, em grego, quer dizer esquecimento), e

bebem de suas águas. As que bebem muito esquecem toda a verdade que contemplaram; as que bebem pouco quase não se esquecem do que conheceram. As que escolhem vidas de rei, de guerreiro ou de comerciante rico são as que mais bebem das águas do esquecimento; as que escolhem a sabedoria são as que menos bebem. 31 Assim, as primeiras dificilmente se lembrarão, na nova vida, da verdade que conheceram, enquanto as outras serão capazes de lembrar e ter sabedoria, usando a razão. (LAZARINI, 2007, 30-31)

Deste modo o filósofo afirma que: “aprender não é outra coisa senão recordar” (PLATÃO, 1979, p. 76). Então compreende-se que, para o pensador grego, a aprendizagem é para ele a reminiscência, de forma que a alma lembra daquilo que já conheceu ou aquilo que já foi conhecido pela alma antes de adentrar no corpo. Para ele, a alma é imortal, pois os seres humanos recordam-se das coisas que aprendeu em um tempo passado “tal não poderia acontecer se nossa alma não existisse em algum lugar antes de assumir, pela geração, a forma humana. Por conseguinte, ainda por esta razão é verossímil que a alma seja imortal” (PLATÃO, 1979, p. 76). Platão vê a filosofia sendo essa ferramenta capaz de poder ajudar o ser humano a conseguir relembrar as ideias perfeitas que por hora já conhecemos e esquecemos nesse processo de encarnação, para isso é necessário desapegar-se do mundo sensível, este mundo sensível que para ele é cheio de ilusões e seduções. Com isso, Platão usa a alegoria da caverna para exemplificar como seria essa libertação para ascender ao mundo das ideias. Como que o corpo fica como que preso em uma caverna, olhando apenas as sombras da realidade através de uma fogueira, presos em correntes sem poder contemplar a verdadeira beleza do mundo. Quando soltam-se dessas correntes e saem dessa caverna e podem contemplar a beleza do mundo e suas verdades. Logo, o filósofo atribui isso à filosofia, que é capaz de fazer o homem transcender e relembrar um pouco do mundo ideal. É necessário desapegar-se dos sentidos para conseguir realizar esse processo de contemplação do belo.

Percebendo o quanto a filosofia platônica influencia o pensamento agostiniano, pois a todo momento pode-se observar que a memória tem um papel especial na filosofia platônica com a qual o bispo de Hipona teve contato. Assim

sendo, tanto para Platão quanto para Agostinho a memória é uma faculdade essencial para o ser humano alcançar o conhecimento.

[...]a memória platônica do passado tem aqui o lugar da memória agostiniana do presente, cujo papel não deixará de sempre ser mais afirmado. Além do que sabemos e pensamos, há aquilo em que não pensamos, mas que poderíamos saber, porque Deus não cessa de ensiná-lo a nós: o aprendizado do Verbo é o que Agostinho nomeia indistintamente de aprender, lembrar-se ou simplesmente pensar. (GILSON, 2006, p. 156).

Gilson, ao afirmar isto, demonstra que existe muita semelhança no pensamento platônico com o pensamento agostiniano. Porém, uma das coisas que Agostinho não vai entrar em acordo com o pensamento platônico é sobre a questão da reencarnação, pois Agostinho que tem um pensamento cristão, não acredita na reminiscência, ele vem dizer que Deus colocou em todos nós o conhecimento, e que somente com o processo de iluminação conseguimos obtê-lo dos objetos.

Na filosofia agostiniana, a memória vai muito além. Como pensador cristão, o bispo de Hipona dá ênfase a ela. Ele entende a memória não apenas como um lugar, mas como a primeira pessoa da Santíssima Trindade. Em seus escritos afirma que:

A memória, enquanto persistência de imagens produzidas pela percepção sensível, corresponderia à essência (Deus Pai), aquilo que é e nunca deixa de ser; a inteligência seria o correlato do verbo, razão ou verdade (Filho); finalmente, a vontade constituiria a expressão humana do amor (Espírito Santo), responsável pela criação do mundo. (AGOSTINHO, 1999, p. 20)

Essa capacidade está em completa união com as demais capacidades, visto que na tradição cristã a Trindade é uma unidade. Também ao fazer essa analogia ele eleva a capacidade da memória em grau muito alto, pois, para ele, Deus pai é o criador de todas as coisas (AGOSTINHO, 1999).

2.3 PALÁCIO DA MEMÓRIA

Agostinho no livro X das *Confissões* usa uma metáfora, afirmando que a memória é como um grande palácio. Ali estão todas as nossas memórias, que ele

denomina de tesouros, transportadas pelas imagens captadas pelos sentidos; lá também estão todos os pensamentos, alguns maiores ou menores como afirma o próprio autor:

Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentando quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram. (AGOSTINHO, 1999, p.266)

No fragmento acima, Agostinho afirma que o grande palácio da memória tem uma ligação com a percepção, pois são as percepções que ajudam a trazer as imagens que foram captadas por elas para a memória. Essas são oriundas não apenas de um sentido, mas de todos os sentidos do ser humano. O pensador de Hipona, ao falar do palácio, expõe que ao adentrar-se nele, busca-se trazer as imagens que se deseja, ou seja,

Quando lá entro mando comparecer diante de mim todas as imagens que quero. Umas apresentam-se imediatamente, outras fazem-me esperar por mais tempo, até serem extraídas, por assim dizer, de certos receptáculos ainda mais recônditos. (AGOSTINHO, 1999, p. 267).

Compreende-se que algumas imagens são mais rápidas de serem encontradas na memória, outras demoram mais porque estão, segundo Agostinho, em “locais” mais escondidos na memória.

Quando acontece um fato bastante interessante na memória, sabe-se que aquela imagem se encontra no grande palácio. Deste modo, inicia-se uma procura e nela, algumas outras imagens aparecem como não é a que se busca, segundo Agostinho ela é afastada com os dedos da mão do espírito. Pode-se perceber isso facilmente quando se quer falar sobre algo utilizando de uma palavra em específico, e ela simplesmente some da mente, e surgem outras palavras parecidas mas que não é a que se busca.

Este local denominado pelo autor como palácio não é algo desorganizado ou cheio de imagens bagunçadas. Mas, segundo ele, estão todas elas classificadas e distintas, que entram cada uma por um local diferente através das sensações.

Lá se conservam distintas e classificadas todas as sensações que entram isoladamente pela sua porta. Por exemplo, a luz, as cores e as formas dos corpos penetram pelos olhos; todas as espécies de sons, pelos ouvidos; todos os cheiros, pelo nariz; todos os sabores, pela boca. Enfim, pelo tato entra tudo o que é duro, mole, quente, frio, brando ou áspero, pesado ou leve, tanto extrínseco como intrínseco ao corpo. (AGOSTINHO. 1999, P. 266)

Pode-se afirmar que este local onde está a nossa memória, é um local organizado, e que tem suas classificações por meio das sensações, cada uma por uma porta diferente, não entra o objeto em si, mas suas imagens que ficam dentro da memória. Agostinho também afirma que podemos visitá-las ou recordar sempre que quisermos.

Também a memória nos possibilita, sentir coisas que não esteja sentindo na realidade, pois a partir da recordação pode-se distinguir as coisas na memória como Agostinho afirma: “Assim, sem cheirar nada, distingo o perfume dos lírios do das violetas, ou então, sem provar nem apalpar, apenas pela lembrança, prefiro o mel ao arrobe e o macio ao áspero.” (AGOSTINHO, 1999, p. 268). Deste modo esta capacidade é de grande importância para o ser humano.

O pensador continua seus escritos falando sobre o imenso e poderoso palácio da memória. É nele que ele realiza essas grandiosas coisas de distinção e classificação dos sentidos. Lá, segundo ele, encontra-se tudo que o ser humano sabe, e ainda mais na memória, se encontra tudo que o indivíduo fez durante toda a sua vida, e com isso pode-se recordar certas coisas que só você é capaz, como o que se sente no momento de determinadas ações, como o lugar onde estava, a roupa que se veste, e tudo mais que a memória é capaz de nos conceder na lembrança. Tanto que o filósofo mesmo declara isso na sua obra :

E lá que me encontro a mim mesmo, e recordo as ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recordo, aprendidos ou pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem (AGOSTINHO, 1999, p.268)

Também essa capacidade ajuda a fazer analogias sobre a realidade, isto com base nas experiências que se pode ter e com as que se tem todos os dias, e com isso chega-se a conclusões em que deve-se fazer isso ou não, tudo no palácio da

memória. Ele ajuda-nos a tomar decisões futuras confrontando-nos com as ações do passado, pois com as experiências adquiridas dele, possa assim tomar uma decisão melhor. Porém, sem as experiências adquiridas no passado que são tesouros da memória não se pode tomar uma decisão cautelosa. Claro que isto não é possível em tudo. Mas quando se vê um cabo de energia descascado e que já obteve contato com um que dá choque, pensa-se bem antes de fazer com a energia ligada ou chamar alguém que tem mais conhecimento pois a memória nos faz lembrar do choque que tomei outrora.

Enfim, neste processo percebe-se a potência da memória, uma capacidade que é imprescindível para o ser humano, e como ela faz com que cada um se desenvolva com sua ajuda. A memória, como foi dito acima, tem suas classificações e é isto que busca-se demonstrar um pouco classificando não todas, mas algumas delas segundo o pensamento de Agostinho de Hipona.

3 CLASSIFICAÇÕES DA MEMÓRIA

No livro das *confissões*, o pensador de Hipona fala da memória como se ela fosse um local quando afirma: “Chego aos campos e vastos palácios da memória” (AGOSTINHO, 1999, p. 266). Assim sendo, é notório que esse lugar onde atribui esses sinônimos tem uma grande relevância para ele, pois nos palácios de sua época eram locais de grande importância na sociedade medieval. Deste modo nos dá a entender que não devemos olhar a memória de uma forma superficial ou pequena, mas observar a sua grandiosidade.

Essa capacidade contém uma grande potência e amplitude, como afirma o autor, para assim compreender melhor a sua potência ele divide ela em partes. Essa divisão vai nos ajudar a compreender o motivo pelo qual Agostinho afirma que é grande e potente essa capacidade. O filósofo medieval em seus escritos fala que as imagens ora captadas pela memória, não sofrem confusões mas que cada uma fica em seu devido lugar.

O grande receptáculo da memória — sinuosidades secretas e inefáveis, onde tudo entra pelas portas respectivas e se aloja sem confusão — recebe todas estas impressões, para as recordar e revistar quando for necessário.

Todavia, não são os próprios objetos que entram, mas as suas imagens: imagens das coisas sensíveis, sempre prestes a oferecer-se ao pensamento que as recorda. (AGOSTINHO, 1999, p. 267)

Logo, compreende-se que essa capacidade possui uma grande organização dentro de si, para que não haja confusões, e essa organização, é estruturada por Agostinho de uma forma ampla, mas como estamos a falar sobre a relação entre memória e o conhecimento, vamos seguir as que mais conseguem nos ajudar nesse itinerário.

3.1 MEMÓRIA INTELECTUAL

A memória intelectual é onde o pensador de Hipona vai falar sobre as questões do aprendizado das artes liberais e do conhecimento em geral, esses conhecimentos para o pensador não estão em um lugar aberto ou a amostra, mas segundo ele em um local reservado que não é lugar. Neste local não estão as imagens como na maioria das outras subdivisões, e sim, as noções do conhecimento, como por exemplo: noção da literatura, dialética e também de todo o tipo de conhecimento intelectual, se encontra na memória. Agostinho nas confissões faz uma afirmação sobre a questão do conhecimento quando nos diz que “Não é só isto o que a capacidade imensa da minha memória encerra. Também lá se encontra tudo o que não esqueci, aprendido nas artes liberais.” (AGOSTINHO, 1999, p. 269).

Assim sendo, poderíamos nos perguntar o que foi afirmado acima sobre a questão da imagem do conhecimento intelectual, pois diferente das outras divisões não estão as imagens e sim as noções, como afirma o pensador medieval, porém as imagens, são importantes para conseguir o conhecimento mas não ficam na memórias as suas imagens e sim as noções que essas imagens deixam em nós.

Estes conhecimentos estão como que retirados num lugar mais íntimo, que não é lugar. Ora, eu não trago comigo as suas imagens, mas as próprias realidades. As noções de literatura, de dialética, as diferentes espécies de questões e todos os conhecimentos que tenho a este respeito existem também na minha memória, mas de tal modo que, se não retivesse a imagem, deixaria/ora o objeto (AGOSTINHO, 1999, p. 269)

Portanto as imagens das coisas não estão na memória, mas sem elas não conseguiram chegar ao conhecimento intelectual, de forma que elas são essencial e fundamental, para conseguir deste modo as noções de conhecimento em todas as áreas intelectuais e fazem com que tenhamos tanto avanço no aspecto científico e de pesquisas em diversas áreas e avanços nos conhecimentos em todas as áreas. A memória é fundamental para o exercício constante do conhecer, pois é ele que ajuda a manter a elaborar raciocínios, com os novos conhecimentos e com o que já adquirimos, fazendo assim uma cadeia constante de conhecimentos que se articulam e formam pensamentos, reflexões e mais raciocínios.

O conhecimento intelectual requer sempre um processo dialético, onde vamos observando, captando as imagens e relacionando com o que já sabemos, por isso a memória não é apenas um local de acumular coisas, não é um depósito onde eu conheço o objeto ou as coisas e ficam lá guardadas sem utilização, a memória tem um papel ativo na vida do homem. Vamos tentar demonstrar um pouco como acontece esse papel ativo. Na escola a professora falava para uma sala de aula sobre o aquecimento global e o desmatamento da natureza, não compreendia bem o que se tratava pois ainda era criança, com o passar do tempo e percebendo as mudanças climáticas me recordo do que a professora ensinava e reporto-me a um novo conhecimento, a mudança climática estão associadas com os ensinamentos da professora, e assim com o conhecimento que estava em minha memória eu consigo fazer uma inferência da realidade com o que hora aprendi no passado, fazendo assim um novo conhecimento intelectual.

3.2 MEMÓRIA E OS SENTIDOS

A relação entre a memória e os sentidos é bem direta e essencial para a própria memória, pois os sentidos estão diretamente ligados com ela. Isso já foi citado no texto em outros parágrafos superficialmente, porém é necessário aprofundar mais, visto que no capítulo décimo do livro X das *Confissões*, Agostinho dedica-se também a falar sobre tal relação entre memória e sentido.

Agostinho na obra, afirma que nessa relação não escondemos as imagens mas os próprios objetos, porém devemos nos perguntar, como os objetos entraram em

nossa memória? É justamente isto que o filósofo de Hipona vai nos ajudar a compreender quando ele vai aprofundando na sua reflexão, fazendo esse aprofundamento ele faz a seguinte afirmação:

Que digam, se podem, por onde entraram em mim. Percorrendo todas as portas do corpo, não consigo saber por qual entraram. Os olhos dizem: "Se eram coloridas, fomos nós que anunciamos". Replicam os ouvidos: "Ressoaram, foram por nós comunicadas". Declara o olfato: "Se tinham cheiro, passaram por mim". Afirma ainda o sentido do gosto: "Se não tinham sabor, nada me pergunte". E o tato: "Se não eram sensíveis, não as apalpei; e se as não apalpei, não as pude indicar". (AGOSTINHO, 1999, p. 270)

Diante disso, vamos compreendendo que cada sentido tem uma característica e assim sendo, faz com que a memória consiga captar as imagens pelos sentidos e assim deixar lá em locais separados para que ao entrar em contato novamente com algo semelhante ou igual, possa fazer distinções ou ativar a memória, como por exemplo, uma pessoa que quando criança, um parente seu utilizava um tipo de perfume forte, e que ficou guardado em sua memória, depois de anos ao sentir o cheiro do perfume a sua memória logo desperta e você lembra da pessoa e também de cenas e fatos que relaciona a pessoa ou a momentos de sua vida.

Deste modo, vamos percebendo também o quanto a memória está ligada a diversas parte do corpo humano e como ela não é algo passivo mas muito ativo, capaz de despertar sentimentos e emoções em nosso corpo, quando entra em contato com algo que já vivenciamos, como foi o exemplo dado acima sobre o perfume, mas poderia ser por uma foto, ou tocando um objeto, e entre outros. Logo os sentidos são de suma importância para a memória, pois são os principais condutores de imagens da memória.

3.3 MEMÓRIA E AS IDEIAS INATAS

Vimos acima a importância dos sentidos para a memória, porém Agostinho deixa claro que existência de memória não são adquiridas pelos sentidos, e para isso ele escreve que:

Quando ouço dizer que há três espécies de questões, a saber: "se uma coisa existe (an sit?), qual a sua natureza (quid sit?) e qual a sua qualidade

(quale sit?)", retenho as imagens dos sons de que se formaram estas palavras, e vejo que eles passaram com ruído através do ar, e já não existem. Não foi por nenhum dos sentidos do corpo que atingi essas coisas significadas nestes sons, nem as vi em parte nenhuma a não ser no meu espírito. Escondi na memória não as suas imagens, mas os próprios objetos. Que digam, se podem, por onde entraram em mim. Percorrendo todas as portas do corpo, não consigo saber por qual entraram. Os olhos dizem: "Se eram coloridas, fomos nós que anunciamos". Replicam os ouvidos: "Ressoaram, foram por nós comunicadas". Declara o olfato: "Se tinham cheiro, passaram por mim". Afirma ainda o sentido do gosto: "Se não tinham sabor, nada me pergunteis". E o tato: "Se não eram sensíveis, não as apalpei; e se as não apalpei, não as pude indicar". Donde e por que parte me entraram na memória? Ignoro-o, porque, quando as aprendi, não acreditei nelas fiado num parecer alheio, mas reconheci-as existentes em mim, admitindo-as como verdadeiras. Entreguei-as ao meu espírito, como quem as deposita, para depois as tirar quando quiser. Estavam lá, portanto, mesmo antes de as aprender, mas não estavam na minha memória. Onde estavam então? Por que as conheci, quando disse: "Sim, é verdade", senão porque já existiam na minha memória? Mas tão retiradas e escondidas em concavidades secretíssimas estavam que não poderia talvez pensar nelas, se dali não fossem arrancadas por alguém que me advertisse (AGOSTINHO, 1999, p. 270)

Consequentemente Agostinho afirma a existência de noções que o homem tem sem as experiências sensíveis, e logo evidencia a existência de ideias inatas que existem antes de qualquer contato com as experiências através dos sentidos. Essas ideias ficam na memória escondidas, por isso o autor afirma que estão em locais secretos e de difícil acesso, porém ao serem despertadas ou acionadas logo se apresentam a nós, o pensador medieval atribui como responsável por isso o cogitare.

O cogitare, desta forma tem um papel essencial em relação às memórias que são inatas no pensamento agostiniano, logo, cogitar para ele é uma ação de captar através do pensamento as ideias que neste caso seria um trabalho interior da mente, de suscitar as memórias que estão inatas. Ao comentar sobre esse pensamento de Agostinho, Miranda afirma que:

A esta actividade de recolha ou de recondução da dispersão objectiva e subjectiva, actividade imanente à alma, chama S. Agostinho "cogitare". Antes do intelecto projectar a sua luz e "conhecer", é à memória, que contém potencialmente todos os objectos do conhecimento, - enquanto, como vimos, sensíveis ou inteligíveis, são sempre por ela mediados, - que compete torná-los um cosmos inteligível, isto é, "pensá-los". Na etimologia de "cogitare" como iterativo ou frequentativo de "cogere", S. Agostinho vê reflectir-se o significado originário do pensamento ("cogitare"), como este movimento de re-união e re-condução do disperso caótico ao ordenado cósmico. (MIRANDA, 2001, p. 232)

Assim, Miranda faz uma afirmação importante, quando afirma que a memória possui potencialmente todos os objetos, sejam eles de carácter sensível ou inteligível. Logo o cogitare tem um papel fundamental para a memória, pois como na afirmativa acima o autor diz que o cogitare tem um movimento de reunir, organizar o que está bagunçado, disperso, ou até mesmo sem nexos na mente. À vista disso, o conhecimento fica ligado a esse ato de cogitar, pois é exercendo esse processo de organizar as ideias, e às refletir que temos acesso ao verdadeiro conhecimento. Pois sem o trabalho de uma reflexão interior, bem elaborada, buscando um pensamento mais puro, é que se chega no conhecimento verdadeiro das coisas.

3.4 MEMÓRIA E AS MATEMÁTICAS

Agostinho, nesse percurso onde vai fazendo seu estudo da memória, chega em um outro aspecto importante, que são os números. Segundo o pensador, os números estão na memória, mas não foram levados para lá através dos sentidos, pois os números, não possuem elementos que os sentidos possam captar e os levar para a memória. Agostinho expressa que o número que ele quer dizer não é o que nós enxergamos ou que aprendemos nas aulas logo nos primeiros anos do colégio, mas sim o que ele quer expressar é sobre as noções de números que temos não a partir dos sentidos mas sim sua noção que já existe nele próprio na sua existência.

Do mesmo modo a memória contém as noções e as regras inumeráveis dos números e das dimensões. Não foram os sentidos quem nos gravou estas idéias, porque estas não têm cor, nem som, nem cheiro, nem gosto, nem são táteis. Quando delas se fala, ouço os sons das palavras que as significam. Mas os números são uma coisa e as idéias que exprimem, outra; os primeiros soam diferentemente em grego e em latim. Porém as idéias nem são gregas nem latinas, nem de nenhuma outra língua (AGOSTINHO, 1999, p. 271)

Na citação o autor expressa a ideia de que na memória estão gravados os números e as dimensões, mas que tudo isso não foi levado para lá através do sentido pois como outrora já foi explicado nesse texto, eles não tem elementos para que os sentidos possam levar para lá. Sendo assim o pensador medieval, fala que embora as palavras que significam os sentidos, eles mudam com o idioma que é apresentado. Como por exemplo os números um e dois na língua portuguesa e na

inglesa que são one e two. Embora o idioma possa mudar a forma de pronunciá-los, as ideias são únicas. Como o filósofo mesmo afirma, as ideias não são de nenhuma língua.

Como não captamos através dos sentidos os números, logo não temos as imagens deles, mas então o que teríamos ? Conke em relação a essa dúvida afirma o seguinte: “ No caso dos números, não temos na memória a imagem deles, mas eles próprios.” (CONKE, 2014, p. 38). Logo o que temos na memória em relação aos números não são suas imagens mas são eles mesmo que lá estão.

3.5 A MEMÓRIA E OS AFETOS DA ALMA

Quando falamos de memória é claro que também recordamos, dos sentimentos que foram adquiridos durante toda a vida, esses sentimentos sejam eles de alegria, dor, temor ou felicidade, se encontram todos eles na memória.

De fato, não estando agora alegre, recordo-me de ter estado contente. Sem tristeza, recordo a amargura passada. Repasso sem temor o medo que outrora senti, e, sem ambição, recordo a antiga cobiça. Algumas vezes, pelo contrário, evoco com alegria as tristezas passadas; e com amargura relembro as alegrias. (AGOSTINHO, 1999, p. 272)

O autor deste modo, vai evidenciando o papel da memória em relação a esses afetos da alma. Quantas vezes pessoas que estão tristes ao lembrar-se de algo na sua vida que outrora fez a pessoa feliz, acaba deixando de lado a tristeza mesmo que momentaneamente e se alegrando ao lembrar-se desse momento? Justamente é a memória que possui esse poder tão belo, de fazer nos lembrar dos afetos que a alma teve acesso, porém isso também pode ser inverso como fora citado, pode-se estar feliz e lembrar-se de alguma coisa que remeta a um acontecimento triste e ficar triste naquele momento de felicidade. Às vezes em reuniões de família as pessoas estão felizes por estarem juntos, mas lembra-se de alguém que partiu e logo acaba ficando triste por aquela pessoa ter falecido ou está em viagem a algum tempo.

Agostinho, ao falar sobre a memória, diz que existe uma diferença entre o corpo e o espírito. Pois, no corpo as recordações são diferentes do espírito, por isso segundo Agostinho quando lembro das dores que sentia no corpo é normal, pois ela me trazia

uma tristeza constante deste modo, fico feliz em ter passado (AGOSTINHO, 1999). O pensador continua a falar sobre a memória como espírito, e afirma que:

Efetivamente, quando confiamos a alguém qualquer negócio, para que se lhe grave na memória, dizemos-lhe: "Vê lá, grava-o bem no teu espírito". E quando nos esquecemos, exclamamos: "Não o conservei no espírito", ou então: "Escapou-se-me do espírito"; portanto, chamamos espírito à própria memória. (AGOSTINHO, 1999, p. 273)

Diante disso, Agostinho chama com clareza a memória de espírito, pois quando pedimos para alguém que grave na memória algo, pede-se para que guarde no seu lugar íntimo no seu interior, logo, no seu espírito.

Nesse percurso de investigação também o pensador medieval denomina a memória de uma outra forma um pouco curiosa: ele afirma que "[...]memória é como o ventre da alma." (AGOSTINHO, 1999, p.273), pois, para ele a alegria e a tristeza são os alimentos da alma e que faz ficar doce ou amargo a sua vida na forma que quando recorda-se de momentos felizes fica doce, e de maneira triste fica amargo.

Agostinho afirma que são quatro as perturbações da alma e seriam elas: "[..] o desejo, a alegria, o medo e a tristeza. (AGOSTINHO, 1999, p. 273), quando recorda-se dessas perturbações na memória, não se altera, afirma Agostinho, pois segundo ele:

Assim como a comida, graças à ruminação, sai do estômago, assim também elas saem da memória, devido à lembrança. Então por que é que o disputador, ou aquele que se vai recordando, não sente, na boca do pensamento, a doçura da alegria, nem a amargura da tristeza? (AGOSTINHO, 1999, p. 273)

Isso ocorre para que se possa lembrar das coisas boas e ruins que ocorreram na vida, pois quem iria gostar de lembrar-se das coisas ruins, sentindo os mesmo gostos que sentiu outrora.

Logo, os afetos da alma é importante para a memória e para as pessoas lembrarem dos acontecidos em suas vidas, os sentimentos, as pessoas que marcaram a vida de outras, isso é um dos papéis da memória e um dos papéis que diariamente ocorre, ao ver um local, escutar uma música, ver fotografias, tudo isso desperta essa memória e os afetos da alma.

4 A MEMÓRIA E O CONHECIMENTO

Tendo compreendido algumas estruturas relativas à memória e, percebendo a importância de cada uma delas no processo do desenvolvimento humano, faz-se necessário analisar mais profundamente de que maneira se dá a questão do conhecimento que, como já demonstrado, relaciona-se íntima e diretamente com a memória, pois é ela que contém potencialmente todos os objetos do conhecimento, sejam eles sensíveis ou inteligíveis. Assim, a partir da concepção de Agostinho, a memória é compreendida não somente como uma simples forma de espaço, pois nela se encontram presentes todas as realidades e, através da qual, se chega ao Criador, conforme o próprio Agostinho expressa:

Irei também além desta força da minha natureza (a memória: n.d.r), ascendendo por degraus até àquele que me criou, e dirijo-me para as planícies e os vastos palácios da memória, onde estão tesouros de inumeráveis imagens veiculadas por toda a espécie de coisas que se sentiram. Aí está escondido também tudo aquilo que pensamos, quer aumentando, quer diminuindo, quer variando de qualquer modo que seja as coisas que os sentidos atingiram, e ainda tudo aquilo que lhe tenha sido confiado, e nela depositado, e que o esquecimento ainda não absorveu nem sepultou. (AGOSTINHO, 1999, p. 266)

Desta maneira, conforme já dito anteriormente, a memória é comparada a uma espécie de palácio e também de campo, porém, não sendo apenas um depósito, mas um solo onde o “eu” habita, local de onde tudo aquilo que é pensado ganha a sua origem e conteúdo. “Pensar envolve não apenas evocar as imagens daquilo que foi absorvido pelos sentidos, mas também combinar, aumentar, diminuir tais imagens” (PERES; MASSIMI, 2012, p. 68). A memória, portanto, trata-se de um espaço bastante complexo, pois possui inclusive compartimentos tidos como secretos.

Quando aí estou, peço me seja apresentado aquilo que quero: umas coisas surgem imediatamente; outras são procuradas por mais tempo e são arrancadas dos mais secretos escaninhos; outras, ainda, precipitam-se em tropel e, quando uma é pedida e procurada, elas saltam para o meio como que dizendo “Será que somos nós?”. E eu afasto-as da face da minha lembrança, com a mão do coração, até que fique claro aquilo que eu quero e, dos seus escaninhos, compareça na minha presença. Outras coisas há que, com facilidade e em sucessão ordenada, se apresentam tal como são chamadas, e as que vêm antes cedem lugar às que vem depois, e,

cedendo-o, escondem-se, para reaparecerem de novo quando eu quiser. Tudo isto acontece quando conto alguma coisa de memória. (AGOSTINHO, 1999, p. 267)

O ato de lembrar é comparado com o ato de buscar o conteúdo neste espaço interior e escondido. É trazer algo com a “mão do coração”. Com esta mesma mão se retira diante do espírito aqueles conteúdos que surgem importunamente no lugar daqueles que são realmente procurados. isto significa dizer que, de antemão, a memória não é um lugar onde o espírito possui um domínio, ao menos não inicialmente, pois, ao buscar certo conteúdo, ele depara-se, muitas vezes, com a incapacidade de realizar este feito. Vê-se, portanto, que existem conteúdos mais facilmente acessados que outros, pois estes encontram-se em locais de mais fácil acesso. Entre os locais ou compartimentos da memória, Agostinho também procura onde se encontra Deus, conforme é possível notar:

Mas onde estás em minha memória, Senhor, onde é que nela estás? Que habitáculo fabricaste para ti? Que santuário edificaste para ti? Tu concedeste esta honra à memória, a de permanecerdes nela, mas em que lugar dela permaneces é o que estou a considerar (AGOSTINHO, 1999, p. 276).

Além de ser considerada como um espaço, como um campo ou solo, a memória é vista também como um santuário, pois nela encontra-se Deus, o que, para Agostinho, é motivo de honra. Por outro lado, resta saber em qual parte dela Deus encontra-se. Seja em qual compartimento for, o fato é que lá está, pois, tudo aquilo que é pensado só é possível por já se encontrar, de algum modo, presente na memória. Tendo em vista que todos os conhecimentos encontram-se localizados na memória; conhecê-la significa necessariamente conhecer os conhecimentos existentes. Por sua vez, conhecer os conhecimentos significa "iluminar" o lugar onde residem na memória, investigar sua origem, bem como a maneira como estão na memória. Ou seja, investigar o ‘de onde’ e o ‘como’ destes conteúdos”. (PERES; MASSIMI, 2012, p.70). A maneira como se dá este processo e os seus desdobramentos serão vistos adiante.

4.1 MEMÓRIA DISPONÍVEL E MEMÓRIA PROFUNDA

Ao falar da facilidade em encontrar certos conteúdos presentes na memória e, por outro lado, da dificuldade em encontrar outros, Agostinho estabelece uma espécie de divisão que corresponde à memória disponível e memória profunda ou recôndita. Aquilo que se encontra na memória profunda, quando é percebido pelo olhar da mente, é imediatamente depositado na memória disponível, como uma pessoa que encontra um objeto no porão escuro e o passa para a dispensa ou um local de mais fácil acesso. Ao entender pela primeira vez o conceito do termo “qualidade”, o significado presente na memória profunda passa para a memória disponível. Quando este processo acontece, conclui-se que a pessoa aprendeu o que significa “qualidade”. Desta maneira, o aprendizado das coisas que não possuem imagem acontece da seguinte forma:

Por conseguinte, verificamos que aprender essas tais coisas, cujas imagens não absorvemos pelos sentidos, mas vemos, tal como são, dentro de nós mesmos, em si mesmas, sem imagens, não é outra coisa senão como que recolher, pensando, aquilo que a memória, indistinta e desordenadamente, continha, e fazer com que, reparando nelas, as coisas, que estão como que colocadas à disposição na própria memória, onde antes, dispersas e esquecidas, estavam ocultas, ocorram facilmente à atenção já familiar. E quantas coisas desta natureza a memória encerra, coisas que já foram encontradas e tal como disse, colocadas à disposição, e se diz que nós aprendemos e conhecemos! (AGOSTINHO, 1999, p. 273)

O processo de aprendizagem consiste numa visão interior que acontece à medida que o pensamento reúne aquilo que se encontrava desordenado na memória. Logo após reunir o que estava espalhado, o conhecimento precisa ser suscetível de tornar-se presente novamente ao olhar do pensamento. Quando isto ocorre, se dá o aprendizado de algo, o conhecimento de conteúdos inteligíveis. É possível afirmar que aquilo que existe na memória disponível: “1) entrou pelos sentidos; 2) não entrou na memória disponível, mas foi produzido a partir de um trabalho da mente sobre as imagens sensíveis; 3) se trata de algo que passou da memória profunda para a memória disponível” (PERES; MASSIMI, 2012, p.78). No que se refere aos números e aos inteligíveis, como já citado no capítulo anterior, eles não entram na memória através dos sentidos, mas, através daquilo que Agostinho

chama de iluminação³, isto é, conhece à medida que o espírito participa da sabedoria divina, que é o próprio Deus presente no íntimo e acima do espírito.

Para referenciar esta capacidade de trazer à luz aquilo que não se recebe pelos sentidos, bem como o poder de relembrar aquilo que momentaneamente se havia esquecido, Agostinho enfatiza, no livro X das *Confissões*, a teoria da reminiscência. Importante o fato de que a lembrança ou o conteúdo esquecido no instante o qual se procura, na verdade não foi perdido por completo, mas se encontra num local mais recôndito da memória e, logo, poderá vir à luz conforme ele afirma:

Quando a própria memória perde qualquer lembrança como sucede quando nos esquecemos e procuramos lembrar-nos, onde é que, afinal a procuramos, senão na mesma memória? E se esta casualmente nos representa uma coisa por outra, repelimo-la até nos ocorrer o que buscamos. Apenas nos ocorre, exclamamos: "É isto!" Ora, não soltariamos tal exclamação, se não conhecêssemos esse objeto, que o tínhamos esquecido. Poder-se-ia também dizer que esse objeto não fugira totalmente, mas que nós, por meio da parte que nos ficou impressa, procurávamos a outra? Com efeito, a memória sentia que já não podia resolver em conjunto o que conjuntamente costumava, e, truncada no seu hábito e a coxear, exigia a entrega da parte que lhe faltava. (AGOSTINHO, 1999, p. 278)

O desfecho deste processo, segundo Agostinho, não constitui uma forma de novo conhecimento, mas a recordação⁴ de um conteúdo já conhecido, entretanto, encontrava-se esquecido, perdido em algum departamento da memória. É recordar-se, lembrar-se daquilo que já se conhece. A mesma memória que outrora esqueceu, possui também a capacidade de relembrar-se, como se lembra do nome de uma pessoa que, por alguns instantes, se havia esquecido. "De onde nos vem esse nome senão da própria memória? Supondo que o conhecemos por advertência de outrem, ainda é dela que nos vem, porque não o reconhecemos como um novo

³ A doutrina da reminiscência de Platão foi, sem qualquer dúvida, a fonte de inspiração para Agostinho elaborar a sua doutrina da iluminação. Ele se baseou em uma passagem da República de Platão, que traduz mais ou menos esta ideia: O Bem, diz Platão, é comparável ao Sol e à sua luz. Assim como o Sol torna as cores das coisas e as coisas em geral visíveis e os olhos capazes de ver, analogamente o Bem torna as realidades ideais inteligíveis e a alma racional inteligente, ou seja, capaz de conhecer os inteligíveis. O Bem, portanto, para Agostinho, se identifica com Deus: é ele a causa da verdade e da capacidade do espírito do homem de conhecer a verdade. Ora, a maneira pela qual o pensamento alcança a verdade não permite supor que ele seja o autor dela. Disso Agostinho não abre mão da doutrina platônica da reminiscência (FINGER, 2015, p.24).

⁴ A alma pode atingir o pleno conhecimento de si mesma porque pode articular, em sua parte superior - mens - por meio da inteligência, as lembranças guardadas em si. Trata-se de um reconhecimento e não de um conhecimento novo, de uma lembrança e não de uma descoberta (FERNANDES, 2007, p. 87).

conhecimento, senão que, recordando-o” (AGOSTINHO, 1999, p.278). Portanto, esta capacidade de recordar é também uma das potencialidades da memória que, na concepção agostiniana, é fator de grande importância para todo o processo do conhecimento humano, como ele explicita: “o que agora entendo e distingo, conservo-o na memória para depois me lembrar de que agora o entendi. Por isso lembro-me de que me lembrei. E assim, se mais tarde me lembrar de que agora pude recordar, será pela força da memória” (AGOSTINHO, 1999, p. 272).

4.2 A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA PARA O CONHECIMENTO

Depois deste trajeto percorrido, cabe analisar mais especificamente a importância e a relação da faculdade da memória e o processo do conhecimento humano. De fato, a memória possui um papel fundamental e indispensável, sem a qual o conhecimento seria impossibilitado de acontecer. Para Agostinho, é por meio dela que ocorre a identificação: seja pessoal, enquanto indivíduo, seja de tudo aquilo que existe ao redor e também o conhecimento de Deus. Assim, tudo acontece através da utilização da memória, inclusive, como visto anteriormente, o conhecimento ou recordação daquilo que estava esquecido. “Nesta perspectiva, a memória, juntamente com a lembrança, pode ser vista como uma atividade reflexiva que se encontra ligada com a imaginação (imagens) e com a linguagem, condição primordial no armazenamento e na revelação dos conteúdos” (SCHERER, 2006, p.39).

Levando em consideração as duas formas de conteúdos presentes na memória - aqueles provenientes dos sentidos, e aqueles que não se adquirem por meio dos sentidos -, pode-se dizer que a memória está dividida em sensível, ou seja, a parte que armazena os conteúdos advindos dos sentidos; e intelectual, a parte que compreende as noções gerais e verdades imutáveis reveladas interiormente. A explicação acerca deste processo de armazenamento de conteúdos e, conseqüentemente, de conhecimento, constitui um dos maiores desafios para Agostinho no seu itinerário de investigação da memória. “Será que o registro de conteúdos ocorre somente por palavras, ou apenas por imagens, ou ambas, ou há conteúdos diferentes que fogem desta classificação”? (SCHERER, 2006, p.39).

Neste sentido, é possível perceber a inquietação e o interesse de descoberta de Agostinho quanto às espécies de conteúdos presentes na memória e, principalmente, quanto à natureza destes, sejam sensíveis ou inteligíveis. A respeito da maneira como se constitui o conhecimento, ele afirma:

Ainda que se narrem os conhecimentos verídicos já passados, a memória relata, não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, ao passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma espécie de vestígio (AGOSTINHO 1999, p. 276)

O vestígio compreende uma espécie de impressão deixada pelo presente passado, ou seja, o passado sempre constitui um dado presente na memória, conteúdos que o tempo foi incapaz de apagar, embora os acontecimentos não mais existam. Entretanto, como já visto anteriormente, embora possua a capacidade de tornar sempre presente dados passados através de imagens daqueles fatos, a memória também está sujeita aos efeitos do tempo, e isto se torna claro mediante o fenômeno do esquecimento que comumente acontece a todos. Este esquecimento, porém, não significa que os conteúdos foram definitivamente apagados, mas que se encontram num local recôndito da memória e logo poderão vir à luz, e neste procedimento, os vestígios comportam significativa importância. Portanto, a relação entre memória e tempo compreende dois aspectos: “primeiro, a memória é formada pelos conteúdos passados, sendo necessários para formar seu conteúdo o registro no tempo enquanto tal – o tempo presente; segundo, o tempo é o elemento corrosivo da lembrança ou recordação dos conteúdos” (SCHERER, 2006, p.40).

Neste mesmo sentido encontra-se a questão de como se dá o procedimento do conhecimento de Deus visto que, acerca da Sua existência, Agostinho não levanta dúvidas no momento que escreve as *Confissões*, seu intuito é descobrir onde e de que forma encontrará-Lo, como se nota: “Cheguei àquelas regiões onde tinha depositado ao afetos da alma, nem mesmo lá Vos encontrei. Entrei na sede da própria alma, na morada que ela tem na memória e nem aí estáveis” (AGOSTINHO, 1999, p.284). Por outro lado, trechos depois, após análise e reflexão, ele consegue convencer-se do local onde encontrar Deus. “Por que procuro eu o lugar onde

habitais, como se na memória houvesse compartimentos? É fora de dúvidas que residis dentro dela porque me lembro de Vós, desde que Vos conheci e encontro-Vos lá dentro, sempre que de Vós me lembro” (p. 284).

Considerando que só é possível identificar conteúdos que já se conhece bem, a memória, somente pelos méritos de suas capacidades, não possui condições para este feito. O processo de reconhecimento acontece mediante princípios inteligíveis presentes em cada ser humano e o responsável por explicitar e torná-los conscientes ao homem é o Mestre Interior. Deste modo, Deus dá-Se a conhecer, revela-Se interiormente ao ser humano. A este respeito, é importante a informação trazida por Scherer:

Os princípios de ordem inteligível também são conhecidos como verdades imutáveis e idênticas em todos. É por meio delas que nos orientamos e é a elas que nos submetemos incondicionalmente, uma vez que são transcendentais, não dependendo praticamente do nosso entendimento. Procedendo assim, Agostinho afasta-se da teoria da reminiscência platônica pela qual a alma apenas recorda o que já viveu (SCHERER, 2006, p. 42)

Neste aspecto, consiste a diferença entre a teoria da reminiscência platônica e a teoria da iluminação agostiniana. Ao passo que, para o primeiro, a alma recorda fatos e acontecimentos já vividos e, por esta recordação, consegue alcançar os conteúdos de ordem inteligível que não são obtidos através dos sentidos; por outro lado, na perspectiva agostiniana, tal procedimento se dá por meio do Mestre Interior⁵ que revela não somente tais conteúdos, mas também revela-Se ele próprio ao homem.

Pelo fato de a luz brilhar para todos os homens que, naturalmente são dotados de intelecto, o processo de iluminação jamais pode ser visto como algo alcançado simplesmente por merecimento humano. Ela é concedida a fim de que o homem possa tornar seu intelecto capaz de conhecer a verdade em vista de uma orientação estabelecida segundo a vontade de Deus.

Compreendendo a maneira como se dá o processo do conhecimento dos conteúdos inteligíveis a partir da teoria da iluminação, cabe analisar a relação

⁵ Ao comparar Deus à luz inteligível, Agostinho marca a nítida diferença entre o que é luminoso por si e, portanto, visível por natureza, e o que somente pode ser visível por uma luz emprestada. O sol é luminoso e torna os objetos luminosos e visíveis. Da mesma forma Deus é inteligível e empresta a inteligibilidade às verdades percebidas pela alma. Agostinho utiliza essas comparações para distinguir e determinar o papel da atividade divina em relação ao intelecto humano (FERNANDES, 200, p. 70).

consequente entre três elementos relacionados estreitamente entre si: memória, inteligência e vontade. A memória é entendida como o elemento de onde os conteúdos provêm, ou seja, é ela quem gera; a inteligência é quem possibilita ao ser humano a capacidade de pensar e interagir; por fim, a vontade é a faculdade que possui a tarefa de unir e interligar a memória à inteligência. Desta maneira, a função da vontade se faz importante e indispensável ao conhecimento humano à medida que “propicia a força unificadora que leva o espírito a objetivar-se. Ela é a responsável por incitar o intelecto a recuperar as lembranças que tem de si. A vontade sempre potencializa a memória e o conhecimento de si” (FERNANDES, 2007, p. 88). Deste modo, portanto, estes elementos, embora sejam três no que se refere à função cabível a cada um, constituem uma só substância, uma só vida, pois não poderia haver compreensão mútua entre eles se fossem diferentes ou opostos.

Nesta relação entre memória, inteligência e vontade é possível estabelecer a distinção entre sabedoria e ciência, entre conhecimento das coisas eternas e conhecimento das coisas temporais. A este respeito, afirma Fernandes:

As atividades da memória, inteligência e vontade que ocorrem no domínio do conhecimento de si, também estão presentes no domínio do conhecimento temporal. É o que distingue a sabedoria da ciência. Agostinho chama de sabedoria o conhecimento ou a contemplação das coisas eternas. Toda experiência de si e de Deus pertence ao domínio dessa capacidade chamada sabedoria. A ciência é o conhecimento racional das coisas que pertencem ao mundo criado. Sabedoria e ciência estão diretamente relacionadas às duas funções da razão: a função superior, ordenada pela contemplação das verdades eternas e a função inferior, ordenada pela ação. A ciência, portanto, para Agostinho, se ocupa dos saberes da vida, das atividades cotidianas e também das intelectuais (FERNANDES, 2007, p. 90).

Portanto, seja na função superior ou na função inferior; no conhecimento das realidades e verdades eternas e imutáveis ou no conhecimento das realidades sensíveis e temporais; seja no processo de iluminação ou através dos sentidos, a memória, de fato, encontra-se diretamente associada a todo o processo do conhecimento humano, independente por qual for a via ou a maneira que se dá o procedimento. Deste modo, sem a potência da memória não haveria conhecimento. Diferentemente do uso corriqueiro e trivial, onde a memória é vista como uma simples recordação de fatos e acontecimento passados, Agostinho vai mais além e

remete a esta capacidade tudo o que se encontra presente na alma⁶. “Presença que se atesta por uma ação eficaz, sem ser explicitamente conhecido nem percebido. Os únicos termos psicológicos modernos que seriam equivalentes à memória agostiniana são ‘inconsciente’ ou ‘subconsciente’ conquanto alargados” (GILSON, 2007, p. 204), para incluir na alma, não somente a presença de seus estados momentaneamente imperceptíveis, mas a presença metafísica de uma realidade tida como distinta e transcendente, isto é, a presença do próprio Deus.

⁶ Aí estão presentes o céu, a terra e o mar com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que já esqueci. É lá que me encontro a mim mesmo, e recordo as ações que fiz, o seu tempo, lugar e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recordo, aprendidos ou pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem (AGOSTINHO, 1999, p. 268).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi demonstrado nos capítulos anteriores, a memória tem um papel fundamental na vida humana, ela possui uma imensa potencialidade, e não apenas favorece o ser humano na sua busca pelas coisas que passaram, mas, conforme explicitado, é dotada da função de articular e elaborar novos conhecimentos. Na filosofia agostiniana, como visto, a ênfase e riqueza atribuídas à memória se encontram presentes muito no capítulo X das *Confissões*.

Ao longo do texto, percebe-se uma grande influência dos filósofos gregos no pensamento de Agostinho de Hipona, principalmente na teoria de reminiscência de Platão, porém ele foi além e trouxe o pensamento da iluminação como foi abordado no texto. Ao falar sobre a teoria da iluminação, ele apresenta Deus como aquele que ilumina e revela a inteligência humana, possibilitando o conhecimento das realidades teóricas, objetivas e transcendentas .

Compreende-se também no texto o que o pensador chama de palácio da memória, e que esse palácio é grande e, principalmente, que contém uma potência incomensurável. Para Agostinho, a memória não é vista como um simples lugar do corpo humano ou um lugar qualquer, mas ele a chama de santuário, pois, para ele, é lá que Deus habita, e por isso ela possui esta grandiosa potencialidade e sacralidade.

Ao escrever sobre a memória, Agostinho demonstra algo peculiar, conforme discorrido, ele vê a grandiosidade da memória e começa a dividi-la em partes para assim poder explicar melhor toda essa complexidade. Deste modo, percebe-se a relação entre a memória e os sentidos, que faz despertar coisas já vistas no passado através de um dos cinco sentidos, mas também é possível notar a relação da memória com a vida intelectual, onde está tudo que aprende-se com as artes liberais, e até mesmo com a relação aos afetos da alma, quando se recorda de sentimentos, situações e coisas que aconteceram durante a vida e que deixaram marcas, como felicidade, alegrias, tristezas, raiva, ódio, etc.

Conforme foi abordado no texto, pode-se perceber que a relação entre a memória e o conhecimento é fundamental na vida dos seres humanos, e que esta

relação é direta e indispensável à faculdade da memória para o conhecimento, pois sem memória não haveria condições do homem conhecer ou aprimorar o seu conhecimento. Logo, conclui-se que esta faculdade está em constante sintonia com o conhecimento fazendo com que o homem possa a cada dia expandir sua inteligência e conseguir compreender melhor as coisas que são apresentadas a ele.

Estudar o pensamento agostiniano na obra *Confissões* é um marco muito forte, pois ele revoluciona a forma de fazer filosofia quando traz a mesma em forma de confissão, isso é um marco muito grande na filosofia. O estudo da memória ainda precisa ser aprofundado visto que como foi citado no trabalho, é vasta e complexa, e se fosse aprofundá-la ainda mais entraria também no livro XI das *Confissões* que tem como tema o homem e o tempo, que também tem muita relação com a memória quando analisa a questão entre o passado, presente e o futuro.

O pensamento filosófico agostiniano, influencia até hoje não apenas em questões teológicas ou cristã, mas de toda a sociedade, quando por exemplo, fala-se dessa relação memorativa com o conhecimento, estamos universalizando a importância da memória para a nossa sociedade não apenas na questão do conhecimento, mas também nas relações pessoais e interpessoais, quando se aborda a questão afetiva, falamos também em família, sociedade e da relação do próprio ser que se relaciona consigo e com todos.

Conclui-se também que essa pesquisa deve ser aprofundada e relacionada com outras disciplinas, para que haja um maior êxito nessa investigação, a relação com a psicologia, história e também com a antropologia e sociologia, visto que podemos perceber a interrelação entre as disciplinas e também com a pedagogia, pois a memória é um fator essencial para a educação, para as relações e para a vida em sociedade de modo geral.

O método hermenêutico-bibliográfico foi utilizado na elaboração deste trabalho. Pois para a elaboração deste trabalho, foi-se necessário analisar com bastante atenção a obra principal e também os comentadores sobre a obra e o autor, fazendo essa análise, para que não fugisse do pensamento de Agostinho, era essencial que fizesse uma interpretação mais fiel possível de seu pensamento, para deste modo a compreender bem e interpretá-lo de maneira correta. Por isso o método utilizado me ajudou bastante nesse estudo para que não houvesse

conclusões equivocadas sobre essa relação entre memória e conhecimento na filosofia agostiniana.

O pensamento de Agostinho não pode ser visto como ultrapassado, mas como base para outros pensamentos, percebe-se isso em toda história filosófica, como o pensamento de um autor influencia outro, seja Platão em Agostinho, Aristóteles para Tomás de Aquino, a filosofia vai vivendo sempre uma transformação mas a sua história é essencial e o que seria da história sem a memória creio que nada. Logo a memória tem um papel fundamental para a compreensão da nossa humanidade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**; De magistro. Coleção “Os Pensadores” 2. ed. Tradução de J. Oliveira Santos, S. J.. e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo : Abril Cultural, 1999.

CONKE, Márcio Silveira. **A questão da memória em Santo Agostinho e Freud**. Perspectiva Filosófica, vol. 41, n. 1, 2014, p. 30-48. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/view/23024>. Acesso em: 25 set. 2020.

FERNANDES, Maria Imaculada Azevedo. **Interioridade e conhecimento em Agostinho de Hipona**. Pontifícia Universidade Católica - SP. São Paulo, 2007.

FERRO, Bernardo . **Mneme, Anamnesis, Memória. A Gênese de um Motivo Central do Pensamento Augustiniano**, Civitas Avgvstiniana: Revista Internacional de Estudos Agostinianos 2, 9-63.

FINGER, Douglas. **A questão da memória no livro X do De Trinitate de Santo Agostinho**. Faculdade de São Bento, Programa de pós-graduação stricto sensu em filosofia mestrado acadêmico; São Paulo, 2015.

MIRANDA, José Carlos. **A memória em S. Agostinho**: Memória Rerum, Memória Sui, Memória Dei. FTC, Instituto Patrístico; São Paulo, 2001.

GILSON, Étienne, **Introdução estudo de santo Agostinho**, São Paulo: Discurso Editorial: Paulus, 2006.

HEIDEGGER, M. **Fenomenologia da vida religiosa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

LAZARINI, Ana Lucia. **Platão e a educação**: um estudo do Livro VII de A República. 2007. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007

PERES, Sávio Passafaro; MASSIMI, Marina. **A espacialidade da memória nas Confissões de Agostinho**. Universidade de São Paulo, 2012.

PLATÃO. **A República**. Introdução, Tradução e notas: Maria Helena da Rocha Pereira. 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, p.515

_____. **Diálogos**. Trad. José Cavalcante de Souza. 4ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Santos, B. S. (2002). **METAFÍSICA DA MEMÓRIA NO LIVRO X DAS CONFISSÕES DE AGOSTINHO**. *Veritas (Porto Alegre)*, 47(3), 365-375. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2002.3.34883> , acesso em 20 set. 2020.

SCHERER, Fábio. **Memória e Interioridade nas Confissões**. Universidade Federal de Pernambuco, 2006.